

Enfermagem na saúde da mulher no climatério.

Geovana Cristina de Faria¹
Karla Daniella Alves Oliveira Kopiake²
Ederson Flávio Wittes³

Resumo: A relação entre a complexidade expressa pelo período climatérico e a diferença que o profissional enfermeiro pode fazer no enfrentamento por parte das mulheres desse período tornaram-se estímulo para o desenvolvimento deste estudo. Com esta pesquisa de natureza qualitativa, objetivou-se verificar o conhecimento dos enfermeiros diante da definição de climatério, descrever o planejamento específico de enfermeiros para a assistência à mulher no climatério, bem como a importância que enfermeiros oferecem à atenção para estas mulheres. As ações foram realizadas mediante adesão voluntária das mulheres, que posteriormente foram acompanhadas por meio da consulta de enfermagem, guiada por instrumentos específicos, bem como, ações de educação em saúde e escuta individualizada de cada participante sobre o climatério, suas características e manejo. Portanto, o estudo permitiu ressaltar a extrema importância de o enfermeiro se munir de informações a respeito do tema para ter condições de oferecer uma assistência adequada, refletir sobre o assunto e se conscientizar da necessidade da prática de tais ações. Com isso, a transmissão da importância e do essencial valor do trabalho dele diante desse processo conflituoso vivenciado pelas mulheres de meia-idade, o enfermeiro contribui de forma significativa para a desmistificação e ressignificação dessa etapa da vida da mulher.

Palavras-chave: Enfermeiro; Menopausa; Período Climatérico.

Abstract: The relationship between the complexity expressed by the climacteric period and the difference that the professional nurse can make in coping by women during this period became a stimulus for the development of this study. With this qualitative research, the objective was to verify the knowledge of nurses regarding the definition of menopause, describe the specific planning of nurses to care for women in menopause, as well as the importance that nurses offer to care for these women. The actions were carried out through voluntary adherence of the women, who were later followed up through the nursing consultation, guided by specific instruments, as well as health education actions and individualized listening to each participant about the climacteric, its characteristics and management. Therefore, the study highlighted the extreme importance of nurses providing themselves with information about the topic in order to be able to offer adequate care, reflect on the subject and become aware of the need to practice such actions. With this, the transmission of the importance and essential value of his work in the face of this conflicting process experienced by middle-aged women, the nurse significantly contributes to the demystification and ressignification of this stage of the woman's life.

Keywords: Nurse; Menopause; Climacteric Period.

¹ Bacharela em Enfermagem pela Faculdade de Guarantã do Norte – UNIFAMA. Rua Jequitibá, nº 40, Jardim Aeroporto, CEP: 78520-000, Guarantã do Norte, MT. E-mail: giovana15faria@hotmail.com

² Especialista em Gestão e Logística Hospitalar pela Faculdade Única de Ipatinga.

³ Especialista em Saúde pública com ênfase em saúde da família, Docência do ensino superior, Gestão Pública com ênfase em Gestão Ambiental, Saúde Indígena e Enfermagem Obstétrica.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, a saúde da mulher se incorpora às políticas nacionais de saúde nas primeiras décadas do século XX, tendo como base atender as demandas relativas à gravidez e ao parto. Programas materno-infantis, elaborados nas décadas de 30, 50 e 70, traduzem uma visão restrita sobre a mulher, baseada em sua especificidade biológica e no papel social de mãe e doméstica, responsável pela criação, educação e cuidado com a saúde dos filhos e demais familiares (BRASIL, 2015).

A política de atenção integral à saúde da mulher se desenvolve por meio de práticas gerenciais e sanitárias, democráticas e participativas, sob a forma de trabalho em equipe no território delimitado, onde a mulher deve ser considerada em sua singularidade, complexidade e inserção sociocultural.

Definido como a transição entre o período reprodutivo e o não reprodutivo, o climatério é uma fase da vida da mulher onde ocorrem mudanças de ordem afetiva, ocupacional, sexual ou familiar. Seu marco é a menopausa que corresponde a interrupção permanente da menstruação, tendo seu diagnóstico feito após 12 meses consecutivos de amenorreia. O climatério ocorre habitualmente entre os 40 e 65 anos, e a menopausa entre os 48 e 50 anos de idade (BRASIL, 2016).

Muitas mulheres passam pelo climatério sem queixas e sem necessidade de medicamentos, já outras têm sintomas que variam na intensidade e diversidade. Desta forma, pondera-se que esta fase não é uma doença, porém, tanto nos casos sintomáticos como assintomáticos faz-se necessário um acompanhamento sistemático com ações de promoção da saúde, diagnóstico precoce, tratamento dos agravos e prevenção dos danos (BRASIL, 2015).

As mulheres que vivenciam o climatério, em sua grande maioria, apresentam dúvidas e questionamentos acerca da fase e necessitam ser sanados. Os seguintes aspectos influenciam diretamente na qualidade de vida dessas mulheres: a cultura de que o climatério é geralmente algo desconfortável; o meio social em que as mulheres estão inseridas; e os aspectos fisiológicos do climatério (BISOGNIN et. al, 2015).

Os serviços de saúde podem contribuir para um viver saudável das mulheres que vivenciam o climatério a partir da apropriação por meio dos profissionais de saúde, das questões que estão inclusas a esta fase, de modo que possam acolher as mulheres de forma integral, podendo inclusive, conscientizá-las de que este período pode ser vivenciado sem obstáculos e com qualidade de vida (BISOGNIN, 2015).

A partir do exposto, surge a necessidade de conhecer qual a caracterização da produção científica sobre o papel da Enfermagem na assistência à mulher climatérica dentro do contexto da Atenção Primária à Saúde (APS).

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Saúde da mulher e Atenção Primária à Saúde

De acordo com a projeção da população pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida em 2017 para mulheres está em torno de 79,5 anos e, em decorrente avanço, permanecendo em torno de 82 anos em 2030. Tal projeção revela como a população feminina está envelhecendo e conseqüentemente passando pelo climatério, o que necessita de um olhar minucioso para estas mulheres por parte dos profissionais de saúde, para não as deixar sem assistência (IBGE, 2017).

Dentre as diversas alterações da operacionalização do Sistema Único de Saúde (SUS), encontra-se a implantação do Programa de Saúde da Família (PSF) em 1994, que posteriormente passou a ser denominado de Estratégia Saúde da Família (ESF). Esta é uma estratégia que está inserida na Atenção Primária à Saúde (APS).

Tendo a Atenção Primária à Saúde como porta de entrada, a captação dos usuários deve se dar no momento em que o mesmo procura o serviço, independente do motivo. No que concerne ao climatério, a própria realização do Papanicolau acaba sendo uma forma de integrar esta mulher para serviços de saúde específicos de sua faixa etária (GARCIA; GONÇALVES; BRIGAGÃO, 2013).

Anseia-se que a atenção à saúde da mulher possa ir mais além, buscando melhoria da qualidade de vida, sabendo que o climatério não se trata exclusivamente de um problema que somente o médico possa solucionar, mas sim como todo um processo biopsicossocial (MORAES; SCHNEID, 2015).

Para que a mulher se adapte a essa fase de climatério e menopausa sem sofrimento é preciso que haja uma interação que rege orientação de forma qualificada possibilitando a vivência e melhorando a qualidade de vida (VEIGA, 2016).

Na enfermagem, o emprego da educação como uma maneira de zelar transcende as regras básicas do cuidado, já que dessa maneira o enfermeiro potencializa a competência do cuidar, e o emprega de forma construtiva nas relações desenvolvidas (SILVA, et al., 2015).

2.2 Climatério e Menopausa: sinais e sintomas

O climatério é um período de muitas transformações na história reprodutiva e não reprodutiva da mulher, que ocorre na meia-idade. É marcado por alterações hormonais e também metabólicas, que muitas vezes acarretam mudanças no contexto psicossocial. Frequentemente o climatério é citado como menopausa que corresponde ao último ciclo menstrual (MORAES, SCHNEID, 2015).

Muitas mulheres passam pelo período do climatério sem problemas e dificilmente apresentam manifestações clínicas (SILVA, 2015). Dessa maneira, incorporando esse conhecimento à prática profissional, os sinais e sintomas serão interpretados contextualmente e não apenas como algo orgânico, sem dúvida, isso pode melhorar o atendimento e expandir as possibilidades prescritivas além da mera medicalização (ANDRADE, 2016).

Alves et al. (2015) afirmam que, a síndrome do climatério apresenta sinais e sintomas transitórios e permanentes altamente variáveis, uma vez que estará diretamente influenciada aos fatores ligados ao meio e a singularidade de cada mulher.

Por outro lado, Bisognin et al. (2015) enfatizam que as mulheres reconhecem queixas e mudanças do senso comum, advindos em sua grande maioria dos saberes e vivências de outras mulheres que já passaram pelo período. Referem ainda que, o cenário cultural e as experiências vividas por outras pessoas estão geralmente associados a algo desconfortável.

Os sinais clínicos do climatério atingem 80% das mulheres ocidentais e apenas 20% das orientais que são sintomáticas, estudos relatam que devido a educação alimentar dessas regiões esses dados são diferenciados (SANTOS et al., 2014). Observa-se que a raça branca, obesidade, tabagismo e tensão financeira estão associadas a sintomatologia dessas mulheres, portanto investigação pelo profissional de saúde enfermeiro são primordiais para diminuir o risco nas populações mais vulneráveis (VIEIRA, 2018).

As principais manifestações/queixas transitórias que levam as mulheres a procurar o serviço de saúde são: alterações menstruais, fogachos, sudorese, palpitações, cefaleia, tonturas, parestesias, insônia, perda da memória e fadiga, diminuição da autoestima, irritabilidade, labilidade afetiva, sintomas depressivos, dificuldade de concentração e memória, dificuldades sexuais e insônia (BRASIL, 2016).

No tocante as manifestações/queixas permanentes comuns no serviço de saúde são: prolapsos genitais, ressecamento e sangramento vaginais, dispareunia, disúria, aumento do Low Density Lipoproteins (LDL) que significa lipoproteína de baixa densidade ou mau colesterol e redução

do High Density Lipoproteins (HDL) que significa lipoproteína de alta densidade ou bom colesterol, mudanças no metabolismo ósseo. É importante enfatizar que as queixas que mais interferem na qualidade de vida da mulher no climatério são as de ordem psicossocial e afetiva (BRASIL, 2016).

Transformações corporais, como perda do tônus muscular e outros aspectos que marcam o início do envelhecimento, geram impacto na autoimagem feminina (SILVA et al., 2015). Durante o climatério, as questões que envolvem o corpo são evidenciadas sob vários aspectos. Os conceitos e imaginários relacionados ao mesmo, percorrem a relação que as mulheres têm com os que o cerca, sendo assim, o empoderamento feminino é fundamental para atingir a autovalorização (BISOGNIN, 2015).

Lanferdini e Portella (2014) mostram em estudo que, algumas mulheres no término de suas vidas reprodutivas sentem-se aliviadas, tendo em vista que não existir mais reprodução e consequentemente filhos pequenos para criar e preocupação com o futuro destes. Dessa forma, a construção de vida de cada mulher é que determina a forma como a mesma vivenciará o climatério.

As mulheres que vivenciam o climatério passam por dúvidas referentes a esta fase, tornando-se necessário serem ouvidas através de diálogo. Partindo do pressuposto que os profissionais de saúde estudam esse período, é fundamental que os mesmos se aprimorem de várias questões relacionadas ao climatério, para que possam acolher a mulher de forma integral (BISOGNIN, 2015).

O modo como o climatério é enfrentado repercute diretamente em seus sintomas ou ausência destes. Para isso, segundo Alves et al. (2015) a orientação sobre hábitos de vida saudáveis, como prática de atividade física e alimentação adequada, podem reduzir a intensidade dos sintomas, melhorando a qualidade de vida das mulheres que vivenciam esse período.

Os profissionais de saúde devem assumir a função de facilitadores, promovendo o cuidado das mulheres, principalmente o autocuidado, através de terapias complementares e integrativas. É recomendado ainda, educação continuada e implantação de políticas de atenção às mulheres climatéricas (SILVA; NERY; CARVALHO, 2016).

2.3 A Enfermagem na atenção à mulher climatérica nas Atenção Primária à Saúde (APS)

Como requisito para prática de enfermagem, na Atenção Básica à Saúde, os enfermeiros

possuem, sob a Lei nº 7.498 de 25 de junho de 1986, e no Decreto 94.406/87 competências para realizar consultas de enfermagem e outras práticas, porém mesmo com a lei o enfermeiro enfrenta algumas dificuldades, devido algumas categorias profissionais não aceitarem sua potencial capacidade em realizar consultas, e também pelas estruturas de trabalho que as instituições de saúde oferecem que não atendem as exigências normativas (PEREIRA; FERREIRA, 2014).

O Ministério da Saúde propõe ações educativas que devem ser desenvolvidas pelos profissionais de saúde e que estejam inseridas em todas as atividades na vida da mulher, devendo ser realizado em todo e qualquer contato entre profissional e cliente (MARINHO, 2018).

O método mais utilizado para tratar a menopausa consiste na terapia de reposição hormonal que visa reconstituir no organismo os níveis dos hormônios estrogênio e progesterona, de modo a amenizar os sintomas do climatério e menopausa, tais como ondas de calor, depressão, ressecamento vaginal, falta de libido, entre outros sintomas (PARDINI, 2014). Essa reposição hormonal pode se dar pelo uso de comprimidos, adesivos ou géis (SANTOS, 2018).

Dependendo do tipo de hormônio escolhido, pode existir ganho de peso por conta do inchaço provocado pela medicação. Por outro, são inúmeras as vantagens desse tipo de tratamento, como menor incidência de doenças cardiovasculares, melhora a pele, diminuição da secura vaginal, e principalmente proteção contra a osteoporose (GUIMARÃES, 2014).

Em alguns casos, entretanto, a reposição hormonal é contraindicada, em mulheres que possuem históricos ou predisposição ao câncer de mama e trombose. Nesses casos a reposição de estrogênio pode aumentar o risco dessas doenças. Assim, recomenda-se o uso de tratamentos não hormonais, que procuram amenizar os sintomas da menopausa sem a reposição dos hormônios necessitado (WENDER, 2014).

Ressalva-se que existe a possibilidade de tratamento da menopausa sem uso de quaisquer medicamentos. Nesses casos o enfermeiro pode estar indicando a acupuntura, relaxamento, e mudanças no estilo de vida, entre outras intervenções, que são métodos alternativos às medicações. Ressalta-se que abandonar os hábitos de vida não saudáveis é essencial na diminuição dos sintomas desagradáveis, e para isso o primeiro passo inclui o abandono do sedentarismo (SIMÕES, 2018).

Neste contexto, detectar precocemente quaisquer alterações emocionais e promover o apoio psicológico necessário é fundamental para garantir a qualidade de vida dessas mulheres nesse

período do climatério. Estudos mostram que em alguns casos a terapia de reposição hormonal pode ser favorável e, além disso, o uso de medicações pode se fazer necessário. A participação multidisciplinar, com avaliações ginecológicas e psiquiátricas, também são indispensáveis (LORENZI, 2015).

Vários estudos avaliaram a relação entre climatério e a diminuição da vida sexual e também o aumento de peso durante essa fase climatérica. De acordo com Soares (2020) a perda pelo desejo sexual na fase do climatério ocorre devido a secura vaginal, ocasionada pela diminuição da produção de umidade e perda de elasticidade, com isso pode causar desconforto e sangramento leve durante o sexo. Além disso, a diminuição da sensibilidade pode reduzir o desejo sexual, e libido. O profissional enfermeiro pode oferecer tratamento disponível na rede básica de saúde, até mesmo encaminhar para outros serviços de referência, se necessário.

Na avaliação deve-se realizar uma entrevista investigando a data da última menstruação, uso de métodos contraceptivos, se tabagista e história familiar de câncer de mama, última coleta do exame citopatológico, orientação sexual e hábitos alimentares. Nos antecedentes familiares casos de doenças crônico- degenerativos, explorar as queixas e dúvidas relacionadas ao ciclo de vida. O exame físico é imprescindível, e o profissional deve realizar um exame físico completo juntamente com uma consulta ginecológica (BRASIL, 2008; UNA-SUS, 2018).

Em um estudo realizado com enfermeiros na unidade básica de saúde no ano de 2012, revelou que a assistência no período do climatério a essas mulheres é básica dos protocolos, como as terapias de reposição hormonal, coleta de exames citopatológico, pedidos e encaminhamentos para exames como a mamografia (SILVA, et al., 2015).

A adoção de medidas promotoras de qualidade devida com hábitos saudáveis como alimentação equilibrada, atividade física adequada, postura proativa perante a vida, capacidade de fazer projetos, atividades culturais, sociais, profissionais, lúdicas e de lazer, são capazes de proporcionar saúde e bem-estar a qualquer mulher, com a finalidade de fazer com que a ela reflita sobre sua saúde, adotando práticas para sua melhoria de vida, realizando mudanças e novos hábitos para a solução de seus problemas (BRASIL, 2016).

A atenção primária em saúde é essencial para que proporcione o acolhimento e assistência adequada às mulheres no climatério. Desta forma, durante a visita das mulheres na atenção primária em saúde é importante que o profissional se atente pela saúde mental, explorando e investigando também os problemas de sono e sintomas associados, e assim, proporcione o tratamento, conforme a necessidade, realizando orientações de prevenção e as intervenções

adequadas para as mulheres (MARINHO, 2018).

De acordo com Santos (2018), na unidade básica de saúde, o cuidado multiprofissional é desenvolvido pelos profissionais da Saúde da Família (ESF), e quando necessário também pelos profissionais do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), que tem o papel de olhar para cada paciente de forma individualizada e integral.

De acordo com Montoro (2018), as ações que podem ser desenvolvidas para o manejo dos sintomas em mulheres no climatério são múltiplas se relacionando a cada sintoma, tais como: avaliação do estado nutricional, com objetivo de promover hábitos alimentares saudáveis, na profilaxia de osteoporose e obesidade, complementando com a prática de exercícios físicos como a caminhada e promoção da saúde mental, incentivando a participação da mulher em atividades sociais e a prática de atividades laborais evitando assim a depressão. Além de orientação sobre os riscos e benefícios associados ao uso da reposição hormonal, fitoestrógenos, fitoterápicos, homeopatia, e sobre as indicações e contraindicações de cada tratamento, principalmente em mulheres com históricos ou predisposição ao câncer de mama e trombose (MONTORO, 2018).

Desta forma, o comprometimento com a qualidade de vida dessas mulheres no climatério, podem ser revertidos por meio de intervenções clínicas adequadas. Cada encontro de mulheres com a equipe de saúde representa uma oportunidade fundamental para sua educação permanente e educativa e a realização de intervenções preventivas (BEZERRA, 2016).

Para esse fim, Soares (2020) e Silva, (2015) expressam que a experiência da menopausa é diferente para cada mulher e entre mulheres de diferentes culturas ou origens, destacando-se que não se trata do fim da vida, mas o começo de uma etapa que se inicia na vida feminina. Por outro lado, Andrade (2016) aborda que o climatério não é a cessação da existência, mas o estágio que deixa livre o desfrute de uma nova forma de viver que deve ser realizada com menos tensão, com menos carga.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se a relevância deste estudo ao demonstrar a necessidade de atendimento integral de mulheres na fase climatérica, que por passarem por diversos problemas de saúde, somáticos e biopsicossociais, podem afetar sua qualidade de vida, sejam pelo impacto da síndrome climatérica ou pelas morbidades que surgem com a idade. Assim, a promoção de estilos de vida saudáveis como: educação, condições de vida, acesso a serviços básicos de saúde, qualidade da

habitação e dos serviços de saúde, influencia no impacto desta fase para vida da mulher.

O enfermeiro deve ir além dos sintomas manifestados pelas mulheres, bem como sinais clínicos, explorando outros fatores que podem afetar seu bem-estar nesta fase da vida, como dieta, atividade física, saúde mental, sexualidade, relações familiares e sociais. Adotando, então, uma abordagem biopsicossocial abrangente, focada na melhoria da qualidade de vida e das necessidades de cada mulher, vista como sujeitos ativos na conquista e manutenção de um estado de saúde adequado ao longo de sua vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Angélica Aparecida et al. A importância da alimentação saudável no período do climatério. **Salão do Conhecimento**, v. 1, n. 1, 2015.
- ALVES, ERP; et al., Produção científica sobre sexualidade de mulheres no climatério: revisão integrativa. **Res. Fundam. Care**. Online abr./jun. 2015; 7(2):2537-2549.
- ANDRADE, Ângela Roberta Lessa de; Freitas, Clara Maria Silvestre Monteiro de; Riegert, Isadora Tavares; Arruda, Hellen Nely de Almeida; Costa, Danielle de Arruda; Costa, Aurélio Molina da. Cuidado De Enfermagem À Sexualidade Da Mulher No Climatério: Reflexões Sob A Ótica Da Fenomenologia. **REME rev. min. enferm** ; 20: [1-4], 2016.
- BEZERRA, Maria Luiza Rêgo, Marcelo Donizetti Chaves, Simony Fabíola Lopes Nunes, Aline Isabella Saraiva Costa, Yana Thalita Barros de Oliveira Castro. Diagnósticos De Enfermagem Do Domínio Promoção Da Saúde Em Mulheres Climatéricas Com Osteoporose. **Rev enferm UFPE on line.**, Recife, 10(3):969- 76, mar., 2016
- BISOGNIN, P; et al. O climatério na perspectiva de mulheres. **Rev. Enfermería Global**, n. 39, 2015.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Brasília: CONITEC, 2015.
- GARCIA, N. K.; GONÇALVES, R.; BRIGAGÃO, J. I. M. Ações de atenção primária dirigidas às mulheres de 45 a 60 anos de idade. **Rev. Eletr. Enf.**, v. 15, n. 3, p. 713-21, jul./set., 2013.
- GUIMARAES, Carlos Pinto; SERPA, Miguel Archanjo; COURA, Wendel – Fatores associados à qualidade de vida em mulheres no climatério. **Reprod. clim** ; 31(2): 76-81, 2016.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**, 2017.
- LANFERDINI, I. I. Z.; PORTELLA, M. R. Significado do climatério para a mulher octogenária rural. **Estud. interdiscipl. Envelhec.**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 173- 88, 2014.
- LORENZI, Dino Roberto Soares De; CATAN, Lenita Binelli; MOREIRA, Karen and ARTIGO, Graziela Rech. Assistência à mulher climatérica: novos paradigmas. **Rev. Bras. Enferm.** [online]. 2009, vol.62, n.2, pp.287-293.
- MARINHO, Hérica Suzane Gonçalves et. al. A Vivência Do Climatério Por Mulheres Atendidas Em Uma Unidade Básica De Saúde No Município De Gurupi-To. **Revista Amazônia: Science & Health**. v. 6, n. 1., 2018.
- Ministério da Saúde. **Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres / Ministério da Saúde, Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. 230p.
- MORAES, TOS; SCHNEID, JL. Qualidade de vida no climatério: uma revisão sistemática da literatura. **Rev. Amaz. Scien. & Helt**. 2015.
- MOTORO, Vanessa Aranjues. **Abordagem biopsicossocial do climatério/menopausa em uma unidade de atenção básica à saúde de Florianópolis, Santa Catarina**. Monografia (Curso de Especialização Multiprofissional na Atenção Básica), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. 26 p.
- PARDINI, Dolores. Terapia de reposição hormonal na menopausa. **Arq. bras. endocrinol. metab** ; 58(2): 172-181, 03/2014.

- PEREIRA, RTA; FERREIRA, V. A Consulta de Enfermagem na Estratégia Saúde da Família. **Rev. Uniara**, 2014;17(1).
- SANTOS, Neila Caroline Costa, SILVA Cindy Meneses. Efetividade Da Assistência Do Enfermeiro Da Estratégia De Saúde Da Família. **Caderno De Graduação - Ciências Biológicas E Da Saúde - UNIT - Sergipe**, 5(1), 145.
- SANTOS, Zanotelli Silvana, RESSEL, Lúcia Beatriz, NEULANDS, Borges, ZULMIRA, Frescura Junges, CAROLINA, Sanfelice, Cheila. Vivências de Mulheres Acerca do Climatério em uma Unidade de Saúde da Família. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, vol. 4, núm. 1, pp. 2800-2811, 2012.
- SILVA, CB; BUSNELLO, GF; ADAMY, EK; ZANOTELLI, SS. Atuação de enfermeiros na atenção às mulheres no climatério. **Rev. Enferm. UFPE**. 2015; 9 (supl.1):312-8 Jan.
- SILVA, Giuliana Fernandes, MOURA, Maria Aparecida Vasconcelos, ALMEIDA, Márcia Valéria Souza, SÁ, Selma Petra Chaves, QUEIROZ, Ana Beatriz Azevedo. Influências Do Climatério Para O Envelhecimento Na Percepção De Mulheres Idosas: Subsídios Para A Enfermagem. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet]. 2015 jul./set.;17(3).
- SILVA, S. B. S.; NERY, I. S.; CARVALHO, A. M. C. Representações sociais elaboradas por enfermeiras acerca da assistência à mulher climatérica na atenção primária, **Rev. Rene.**, v. 17, n. 3, p. 363-71, mai./jun., 2016.
- SIMÕES, Angelica Lima Brandão, LUIZ, Larissa Nathiely da Silva, MORAIS, Fernanda Campos de. 2018. **Integralidade na Assistência à Mulher no Climatério**. Monografia (Bacharelado em Enfermagem), UniEvangélica - Centro Universitário de Anápolis/GO, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/985>> Acesso em: 18 jan. 2021.
- SOARES Glaucimara Riguete de Souza, Elaine Antunes Cortez, Rose Mary Costa Rosa Andrade Silva, Selma Petra Chaves Sá, Sonia Mara Faria Simoes. O Cuidar Em Saúde Mental: Contribuições Fenomenológicas Acerca De Mulheres Trabalhadoras Em Situação De Climatério. **Revista Cubana de Enfermería**, v. 31, n. 2, 2020.
- UNA-SUS. **Atenção à saúde da mulher no climatério**. Unid.2. E-book. 2018. VEIGA, Allan Da Silva. Plano De Intervenção Para Mulheres No Climatério Elaborado Pela Equipe De Saúde Da Família Em Dom Cavati – Minas Gerais, 2016.
- VIEIRA, Tereza Maria Mageroska. Vivenciando O Climatério: Percepções E Vivências De Mulheres Atendidas Na Atenção Básica. **Rv. Enferm. Foco**; 9 (2): 40-45; 2018.
- WENDER, Maria Celeste Osório; POMPEI, Luciano de Melo; FERNANDES, César Eduardo. **Consenso Brasileiro de Terapêutica Hormonal da Menopausa** – Associação Brasileira de Climatério (SOBRAC) – São Paulo: Leitura Médica, 2018.